

Pacote anima o mercado

Petrobras emite US\$ 250 milhões em títulos com taxa mais baixa que a do governo

Economia - Brasil

Patricia Eloy

Editoria de Arte

No dia seguinte à decisão do governo de adotar um pacote de medidas para reativar a economia no último trimestre do ano, o mercado viveu ontem uma onda de otimismo, antecipando o crescimento que estaria por vir e reagindo às novas emissões externas fechadas por empresas brasileiras. Durante o dia, o principal título da dívida externa brasileira, o C-Bond, chegou a bater seu recorde histórico (92,88% do valor de face, registrado em 16 de junho), negociado a 92,90%, mas acabou fechando aos 92,71%, com alta de 0,30%. O risco-Brasil engatou o terceiro dia de queda: 1,07%, para 650 pontos centesimais, o menor nível desde 29 de março de 2000. O dólar comercial fechou em queda de 0,27%, a R\$ 2,902, influenciado também pela notícia de novas captações.

A Petrobras confirmou ontem ter fechado, na quinta-feira da semana passada, uma emissão de US\$ 250 milhões em bônus globais com vencimento em 2013, sem garantias. A operação, antecipada pelo GLOBO, tem o mesmo prazo da emissão de US\$ 1,25 bilhão feita pelo governo em junho e com um detalhe: a taxas mais baixas. Enquanto a emissão soberana teve um custo de 10,75%, a da Petrobras ficou em 8,65% ao ano. A operação foi fechada em tempo recorde — três horas — e pôs a Petrobras no seletivo mercado de alto retorno internacional (*high yield*), normalmente restrito às empresas americanas.

Já o Bradespar fechou uma captação de US\$ 50 milhões por um período de dois anos e oito meses e o banco BMG, de Minas Gerais, levantou US\$ 10 milhões por 18 meses. Comentou-se também numa emissão da Usiminas de cerca de US\$ 50 milhões, mas a empresa não confirmou a informação. A operação do BMG, um banco de pequeno porte, mostra que o mercado externo aumentou o apetite por ativos brasileiros, não ficando mais restrito aos papéis de gigantes do país como Bradesco e Petrobras.

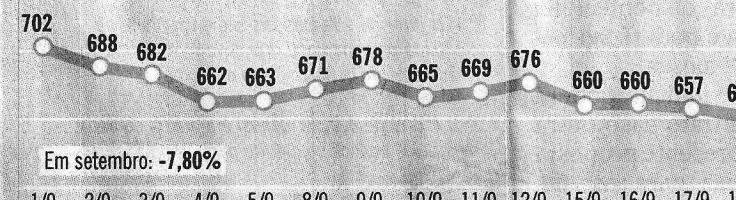
Bolsa sobe 2,41%, influenciada por boatos

- Seguindo o compasso otimista dos demais mercados, a Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa) subiu pelo segundo dia consecutivo (2,41%), alcançando a marca histórica de 62.368 negócios em um único pregão e o maior nível em pontos (16.889) desde 15 de fevereiro de 2001. O volume surpreendeu: ficou em R\$ 1,25 bilhão, acima da média diária de setembro, de R\$ 1,1 bilhão. O resultado de ontem, porém, também foi influenciado por fortes rumores de que a mexicana Telmex estaria prestes a comprar uma fatia da Telemar, a principal ação da Bovespa. Os boatos fizeram as ações da empresa dispararem 6,76% ontem. Os rumores começaram pela manhã, fazendo a bolsa, que subia cerca de 1%, avançar até uma alta de 2,20%. A Telemar informou que não comenta especulações de mercado.

Conheça os números

RISCO-PAÍS (em pontos centesimais)

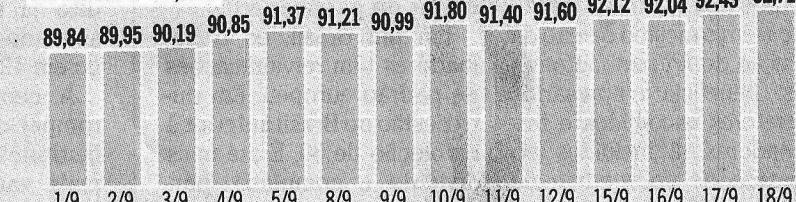
O bom retorno dos papéis da dívida brasileira em relação aos títulos do Tesouro dos EUA, somado à maior confiança dos investidores externos na economia do país, fez o risco recuar 55,02% este ano. Um risco de 650 pontos significa que o governo brasileiro tem que pagar aos detentores de títulos da sua dívida 6,5% a mais que a taxa paga pelo Tesouro americano.



C-BOND

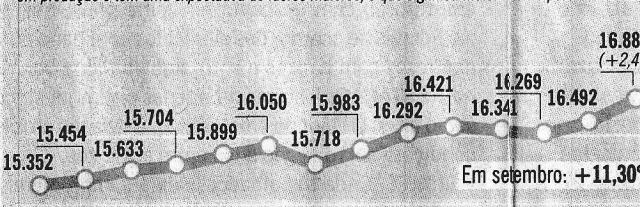
A aprovação das reformas estruturais em primeiro turno na Câmara e a expectativa de retomada do crescimento econômico ainda este ano fizeram os investidores ficarem mais confiantes no Brasil, o que se traduziu numa maior procura pelos papéis da dívida brasileira e consequente queda do risco-país.

Em setembro: +2,80%



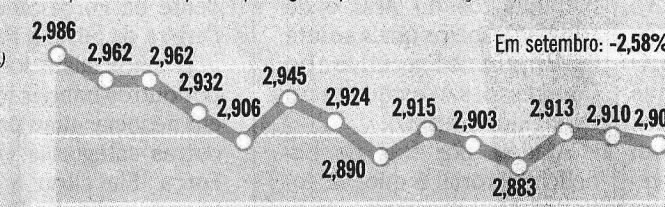
BOLSA (em pontos)

A expectativa de que a queda dos juros leve a uma recuperação da economia brasileira ainda em 2003 fez com que a bolsa ganhasse fôlego suficiente para subir 49,88% no ano. Com a economia nos trilhos, volta o consumo, as empresas investem em produção e têm uma expectativa de lucros maiores, o que significa maior retorno para os acionistas.



DÓLAR (em R\$)

A retomada das emissões de empresas brasileiras no exterior empurrou a cotação do dólar para baixo. Como os recursos têm que passar pelo mercado de câmbio para chegar então aos cofres das empresas, o fluxo acaba inibindo a compra de moeda pelos investidores pois isso pode significar perdas caso as cotações recuem.



Ranking de risco dos emergentes

1º Argentina	5.039
2º Equador	1.114
3º Nigéria	896
4º Venezuela	789
5º Brasil	650
6º Turquia	534

FONTE: Bloomberg e Global Invest